

PÂNDEGAS & GALHOFAS

(UMA ESTÓRIA SOBRE PAJURÁ, ONDE TUDO ACONTECE.)

FLORÍPEDES JOSÉ OVÍDIO

PÂNDEGAS & GALHOFAS

(UMA ESTÓRIA SOBRE PAJURÁ, ONDE TUDO ACONTECE.)

FLORÍPEDES JOSÉ OVÍDIO

Copyright© 2023 Ovídio, Florípedes José

Original por Robson José Ovído

Pândegas e Galhofas, uma estória sobre Pajurá, onde tudo acontece

Preparo de originais: Eduardo de Strandivarius e Carriel

Edição: Astral Serviços Editoriais

Capa: Eduardo de Strandivarius e Carriel

Revisão: Robson José Ovído

Ovídio, Florípedes José
S729c Pândegas e Galhofas, uma estória sobre Pajurá, onde tudo acontece., 2009.
178, f. : il. ; 21 cm.

Publicação 2023

ISBN 978-65-5941-168-0

1. Ficção Histórica I. Título. II. Ovídio, Florípedes José. III. Literatura brasileira

370.15

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca

Todos os direitos reservados ao autor.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização de seu autor.

Meus sinceros agradecimentos

Aos escritores: Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Guimarães Rosa, Ferreira Goulart, José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado e aos muitos dos autores nacionais e internacionais que li em minha infância, adolescência e continuo lendo. Em especial a Agatha Christie de quem sou fã.

Aos amigos que me inspiraram a escrever este texto, em especial ao senhor Gílson Gentil que por me mostrar outros lados da existência que eu não conhecia, estes apontamentos me levaram a optar por uma nova forma de viver minha vida. E em quem me inspirei para compor ao personagem Nílton gogó, Salamaleico!

Ao novo amigo P.C por me fazer rir de coisas às vezes não tão engraçadas, Salamaleico!

Dedico este texto a memória de dona **Aíquicy Leitão Ovídio (Ladeira)**, minha mãe. A quem sou grato por ter feito parte de sua existência, e por me ensinar que amigos não se compram, mas se conquistam um a um durante o tempo de sua história.

Aos poucos amigos que consegui fazer ao longo da vida, são os mesmos que permanecem comigo até hoje e a eles confio a minha vida e de meus filhos.

A dona **Maria Leitão da Cunha (Leitão Ovídio)**, minha bisavó a quem amo de paixão, mesmo ela não estando mais conosco.

A meu avô materno **João Leitão Ovídio**, conhecido pelos amigos e inimigos como “João Escola”, um pai de santo, um amante pra várias mulheres, um malandro e um bon-vivant carioca dos anos vinte. Baseado nas muitas

estórias que ouvi sobre sua existência criei ao personagem Argemiro, que assim como ele morreu cercado de amigos em sua volta.

Agosto de 2009

CAPÍTULO I

A alegria de se enterrar a um amigo

Neste universo abstrato e confuso, há um mundo homeomorfo de cores extremamente vivas e formas tão absurdas que confundem as teorias das fábulas, folclores e lendas com as hipóteses das coisas que se misturam fundindo-se em uma só realidade. E dentro desta moldura se pode viajar para uma cidade imaginada que não está nos mapas, da qual faz parte da história deste Brasil imaginário, as situações esdrúxulas contidas nesta narrativa, talvez façam algumas citações a alguns dos seus personagens heroicos e fatos históricos deste Brasil, também nada realista. Esta cidade existe no imaginário da criança que habita dentro de cada mulher e homem apaixonados pela literatura que há nas histórias contadas por seus pais, mães e avós que a interpretam dos alfarrábios de leituras e as passam de maneira lúdica e didática. A cidade mais festiva do extremo do Brasil, neste momento também se transforma na urbe mais triste por conta da

enfermidade de um dos seus moradores mais notórios, ou, ilustre por assim dizer. Neste compêndio colorido encontramos personagens tão pitorescos quanto o mundo em que vivem Argemiro o defunto, Belmiro o farmacopola, Custódio o dono do hotel, Dilermando o barbeiro e Epaminondas o taxidermista, que formam “Quinteto do abecedário”, como ficou conhecido a excêntrica e velha confraria de amigos. A velha congregação estava mais uma vez reunida, mas desta vez sem uma de suas consoantes. “O quinteto” de agora em diante será apenas um quarteto em negrito, pois eles, mesmo estando tristes conseguiram fazer piadas e davam altas gargalhadas, Dilermando disse que os quatro estavam em negrito por estarem vestidos de preto em ocasião do sepultamento de Argemiro, um amigo de longa data. O velho Ge era o mais encanecido do grupo e sempre que se encontravam, bêbado aos berros dizia.

____No dia de meu enterro, quando todos forem embora, eu estarei aqui na mesa do bar com os amigos, e faço questão de que vocês me ergam um brinde, como nós sempre fizemos nestas sete décadas de convivência.

____Dizia Argemiro aos amigos sempre que se reuniam no bar da esquina pra jogar conversa fora.

Os cinco amigos de infância levavam a vida em uma verdadeira esbórnia, os seus meses eram verdadeiros festivais, e as suas semanas eram autênticas confraternizações e os dias eram infinitos sábados e domingos, quando crianças aplicavam pequenos golpes, cabulavam aulas e viviam fazendo escarnecimentos com a avelhantada effígie do capitão Galdino e colocando em xeque mate a sua precisão e exposição em praça pública. 2007, o ano em que completaria oitenta e três anos de idade, Argemiro o mais velho da confraria, alquebrado via-lhe extinguindo-se aquela vida preciosa inclinada aos amigos, familiares e também a cidade pequena e próspera as margens do rio Tupinambá e dos manguezais próximos ao mar.

Os três amigos de décadas já estavam de pé posicionados em seu quarto, paralisados a sua volta alguns minutos antes que acontecesse seu falecimento, se adequavam a situação que o quadro os apresentava, tinham vontade de rirem ao ver o Doutor “A.S” se movimentando em vão pelas dependências que quarto de dormir, onde Argemiro se encontrava moribundo. Deram-se uns minutos de silêncio, mas logo em seguida, ouvem-se o barulho da porta principal do solar sendo aberta.

____ Sua bênção meu padrinho! Entre, os tios Epaminondas, Custódio e Belmiro, já estão lá em cima junto ao Ge.

____ Concluía respeitosamente à Dilermando, Cacilda a única filha do fanfarrão se referindo ao velho da maneira carinhosa com que os amigos o trataram por anos, ao passo em que abria a porta do velho casario de construção centenária, que ainda mantinha as

características originais com a boa conservação.

___Obrigado!

___Respondia o triste amigo que retirava de sua cabeça o chapéu-panamá e que em respeito ao momento, se mantinha com um olhar enlevo ao chão de madeira corrida que se estendia por toda a varanda e também ao salão do casario.

Ele segue caminhando em direção a escada que levava ao segundo andar do sobrado. Enquanto aprecia alguns quadros colocados na parede que subia a sua esquerda, tinha a impressão que as figuras estavam acompanhando-o com seus olhares escandalosos e essas molduras e representações cobriam toda a extensão da escada, seus olhares acompanhavam aos visitantes e decoravam o trajeto seguido por Dilermando até a segunda pavimentação da edificação. Ao entrar no quarto bem arejado Dilermando observa que o aposento se mostrava em um aspecto animado com as três figuras em volta da cama do amigo uns minutos antes de seu falecimento.

___Demorou-se por estar se masturbando mentalmente ao admirar os peitos da mulher do vendeiro, não foi?

___Perguntou-lhe o doente tossindo ante ao amigo de infância que entrava no quarto.

O moribundo ainda tem forças para gracejar a respeito do par de peitos de dona Paraguaçu, retirando gargalhadas dos amigos que tentavam não rir tão alto em respeito à enfermidade do ente querido.

___Pronto, agora eu já posso partir!

___Explanara Argemiro enquanto espera o amigo que se acomodava.

___Entra logo camafeu!

___Disse Argemiro porquanto que tossia segurando em uma das mãos um lenço, do qual mantinha uma borra que parecia ser uma mancha de sangue.

A borra sanguínea anunciava com pendor a gravidade da enfermidade nos pulmões debilitados pela tuberculose, que já se apresentava em estado avançado e os pulmões totalmente comprometidos, não desmentiam ao doutor Austregésilo Sant’Anna, qual já o havia alertado para o quadro, mas o amigo Argemiro logo se conformara com o estágio de sua enfermidade, e ele não gostaria de estender o sofrimento da filha que o via sucumbindo.

___É! Demorou, mas chegou a minha hora, amigos!

___Elucidou Argemiro ao tempo que deixava os amigos e partia com um ar de felicidade no semblante.

O alpendre era circundado por dezenas de cajueiros, os pés de cajus cresciam abundantemente na região árida em que se fundamentaram as construções erguidas a pelo menos uns cento e cinquenta anos, balançavam como se estivessem sendo balançados por alguém de muita força. Um poço artesiano construído com pedras cortadas de maneira artesanal por algum profissional da área revestia as paredes em circunferência, descendo a muitos metros de profundidade até encontrar o olho d’água. A nascente que mantinha o fornecimento do líquido tão precioso e

tão escasso nas terras do sertão paraibano, neste momento emitia um som lamurioso como se as águas estivessem descendo por suas paredes. Alguns coqueiros que dividiam o espaço com as goiabeiras e pés de “mangas espadas” quais compunha a exuberância do lugar, se envergavam como se um vendaval estivesse acontecendo, mas nada, nenhuma brisa soprava no momento, nada se elucidava, a não ser a maneira inexplicável como tudo incidia naquele momento. Era como se a natureza se despedisse do filho querido, a grama verdejante qual se alastrava circundando a construção estava repleta de frutos ainda verdes, que teimavam em cair das árvores frutíferas e os cães que andavam livremente pela propriedade uivavam insanamente como se já soubessem da partida de Argemiro. As inúmeras redes colocadas na varanda que se estendia protegendo a magistral edificação em toda sua extensão balançavam freneticamente como se fossem ocupadas por alguém, Dilermando teve calafrios, imaginou ser mais uma das engraçadas piadas do amigo que acabava de deixá-los ao fazer a partida.

O fim já era anunciado pelo Dr. Austregésilo Sant’Anna que adentrava ao local com sua valise e estetoscópio dependurado ao pescoço, Belmiro olhava a figura hilária do Dr. “A.S” trêmulo em consequência do acontecido. O doutor Austregésilo Sant’Anna, mantinha uma característica emblemática: o farto bigode com as extremidades enceradas combinava simetricamente com o cavanhaque caricato, o olho direito era protegido por um monóculo, qual parecia já ter nascido em sua vista. Argemiro o chamava em tom de pilheria como: Dr. “A.S”, por este sempre receitar o medicamento aos pacientes, não importando qual o grau de sua enfermidade e também por assim, tirar um sarro com o nome do

médico. Às vezes quando o quinteto do abecedário se sentava à mesa da bodega e coincidia de avistarem alguns dos pacientes do Asclépio, diziam aos padecentes que nem precisavam ir ao consultório, pois a solução administrada pelo servidor público era sempre a mesma.

___ Um comprimido de “A.S” e repouso.

___ Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Gargalhavam os cinco gaiatos.

A colorização extremamente exuberante das fachadas das casas apresentava a ermida erguida na cidade, a obra que se mostrava extravagante com seu tom de roxo cadavérico, se situa junto à prefeitura com sua arquitetura grotesca e caricaturada ao lado do imponente prédio dos correios e telégrafos, e fica também na outra extremidade da praça principal de Pajurá, colocando-se em um ângulo perpendicular das três portas da bodega de dona Paraguaçu. O colorido dos carros estacionados junto ao jardim com um verde que parecia ter sido tirado da mesma aquarela que também pintou as flores espalhadas pelos canteiros e as cores dos uniformes dos funcionários das empresas de manutenção do município. Os amigos costumavam dizer que a botica era a verdadeira capela da cidade, pois sempre que havia um velório seguido de um sepultamento na cidade, de prévia era o empório quem mais lucrava com a vigília. E o vendeiro marido de Paraguaçu com a sua vasta barba bem cuidada, se enaltecia ainda mais com o bigode encerado nas extremidades voltadas para cima, era chamado às escondidas de papa-defuntos. O gurufim como todos os que haviam na cidade estava animado, muitos dos moradores da cidade passaram a noite em claro velando o corpo do amigo Argemiro, muito café e comida farta para

os homens e mulheres que comiam e bebiam o defunto. Em um canto prostrado ao lado dos parceiros de esbórnia, Argemiro não via à hora deles abandonarem o lugar, já não aguentava mais vê-lo deitado inerte ao caixão. Já eram altas horas da madrugada quando... duas velhas senhoras “Carpideiras” entraram no espaço reservado ao velório de Argemiro, atravessam o espaço por entre aos que estavam prestando as últimas homenagens ao finado. Entoando cantos fúnebres e rezas, as tradicionais mulheres que ganham a vida fazendo essas aparições nas sentinelas espalhadas pelos quatro cantos do norte e nordeste do país, confortam o coração dos familiares e amigos do morto.

___ Capineiro de meu pai, ai! Não me corte os meus cabelos, minha mãe me penteou, minha madraستا me enterrou... pelo figo da figueira que passado beliscou.
(Trecho da música “Aguapé” de: Fagner e Belchior.)

___ Entoavam as duas senhoras pranteadeiras que adentravam o velório.

___ Pronto! Agora mesmo é que não saímos mais daqui.

___ Descreveu o falecido, que ria das duas mulheres cantando as funestascanções.

___ Eu ficaria mais feliz se entrassem com um pandeiro, cantando “Emboladas” ou “Repentes”.

___ Pronunciou em gargalhadas o finado ainda ao lado dos amigos.

___ Só mesmo uma dose de “Marimbondo”.

___ Ponderava Argemiro enquanto observava o belo par de peitos de Paraguaçu, que circulando entre as pessoas no velório, deteve-se ao lado da delirante consorte do alcaide da cidade.

Do outro lado da praça se localiza a igreja da matriz. Protegida por tapumes e andaimas, o apostolado comandado por D. Eustáquio Crispino o padre da cidade, que esperava a uma nomeação ao pontifício desde o ano de 1.953, se colocava em uma interminável obra de Deus. Conquanto a igreja fosse a maior proprietária das terras envolta da cidade, e o papado mantivesse a simplicidade de sua construção, conservadora, tacanha e tosca, a igreja que estava em construção há mais de oitenta anos se mostrava mal administrada e perdulária, mas que na verdade tinha uma contabilidade próspera representativa. E sem contar com as arrecadações que o apostolado contabilizava em um livro financeiro, a eclesiástica igreja também era possuidora de vários dos imóveis construídos dentro e fora dos limites do pequeno vilarejo.

A bucólica cidade fincada junto ao mar próximo aos manguezais banhados pelo rio Tupinambá, tendo as dunas que vinham se formando a anos resguardando as suas costas, possuía três vozes ativas: A primeira palavra era do juiz Maciente, em segundo lugar estava o prefeito Galdino de Menezes e por último, mas, não menos importante estava a palavra de D. Eustáquio Crispino, ao delegado ninguém dava crédito mesmo. Dilermando tem vontade de dar uma gargalhada ao ver a figura inusitada de Nilton gogo, se aproximando do féretro onde já descansa Argemiro, o filho do capado vendedor de inhames conhecido pela alcunha de: Seu Nizim dos inhames têm dificuldades de pronunciar devidamente a letra “R” quando esta se encontra no início ou em meio a uma palavra. Além de ser um mentiroso por natureza, o mulato de pele escurecida tem contrariedade em se comunicar adequadamente e seus diálogos se tornavam frases hilárias.